

TRABALHO DE PASTOR: PROFISSÃO DE FÉ E O PROFISSIONALISMO

Pastor's work: profession of faith and professionalism

Dr. João Pedro Gonçalves Araújo¹

RESUMO

Este texto entra num tipo de campo minado: o trabalho do pastor como profissão. Da forma como é abordado aqui, constitui-se uma análise desse trabalho a partir de duas perspectivas: a primeira, chamada 'de dentro', que consiste na descrição e defesa dadas pelos próprios religiosos de que o trabalho pastoral é de outra natureza e não deve ser tratado como profissão. A segunda, chamada 'de fora', tem duas outras vertentes: a primeira delas, o relato daqueles que não frequentam igreja, mas que não têm sido atraídos por ele; a daqueles que, mesmo pertencendo a uma igreja, têm deixado de frequentá-la. Nestes dois últimos casos, em comum a reclamação de que o discurso dos pastores não consegue atingir as necessidades dos de fora, tanto não frequentadores como dos homens de negócio. A parte final do texto analisa uma abordagem de diversos textos bíblicos como tentativa de construir uma base para a realização de um trabalho pastoral mais eficaz, uma vez que realizado e atualizado de acordo e a partir das necessidades das pessoas. O texto se baseia em dois textos referenciados ao final, e o autor espera lançar algumas ideias para o aprofundamento da questão.

Palavras-chave: pastor, profissão, vocação, sem igreja, mundo dos negócios

ABSTRACT

This text enters into a type of minefield: the pastor's task as a profession. From the manner of approach, this work composes an analysis from two perspectives: The first, called 'from within', which consists of the description and defense given by religious people themselves that pastoral work is of another nature and should not be treated as a profession. The second, called 'from the outside', has two other sides: one relating to those who do not frequent church neither have not been attracted to it; the other to

¹ Bacharel em Teologia (Faculdade Teológica Batista de Brasília, 1984), Mestre em Ciências da Religião (UMESP, 2001), Doutor em Sociologia (UnB, 2006) e Pós-Doutor pela PUC/GO, bolsista CAPES (2014). E-mail: profarau@gmail.com

those who, even belonging to a church, have ceased to frequent it. In these, last two cases, it is common the complaints that the pastors' speeches fail to meet the needs of the outsiders, both non-regulars and businesspersons. The final part of the text analyzes an approach of several biblical passages, as an attempt to build a basis for more effective pastoral work, carried out and updated according to the needs of the people. The conclusion of this text bases on two references and the author's hope to launch some ideas to deepen the issue.

Keywords: pastor, profession, vocation, absence from church, business world

1. O 'TRABALHO' PASTORAL

Ainda se constitui um campo minado tratar ou referir-se ao trabalho pastoral como profissão. O campo chiboleteano se avanta nesses dias com a discussão da profissão do teólogo. A rejeição ao uso do termo talvez decorra do fato de que o sentido de profissão entre clérigos, religiosos, pastores e líderes é visto de forma negativa. O uso do termo profissional para a função do pastor recebe a conotação de alguém que se aproveita da inocência e laicidade dos outros para ganhar dinheiro. Usa-se também para alguém que trabalha cumprindo um horário ou para expressar o trabalho daquele que faz o mínimo em contraste com o trabalho do pastor, que chega a consumir todas as horas do dia, em alguns casos.

A visão que se tem do sacerdote se aproxima da descrição bachelardiana do profissional cientista que, durante os séculos XVII e XVIII, tinha o seu laboratório na sua própria casa. Fazer experiências científicas naquele tempo era um tipo de exibicionismo para amigos. O interesse científico do dono do laboratório e dos curiosos que visitavam a sua casa estava longe de merecer atenção especial na ciência enquanto ciência. O que existia, na verdade, era, em primeiro lugar, a curiosidade, depois, as conversas e o assombro. Importância mesmo tinham o chá e os bolos fartamente servidos aos visitantes.

Atualmente, o pesquisador é um profissional. Existe certa distância entre o indivíduo e o pesquisador. Nada se compara àqueles dias em que o “cientista” parecia um experimentador, sem saber o que estava experimentando e qual a validade de seus experimentos. Nesse sentido, o termo profissional tem uma carga positivista muito grande. O cientista é o cético, o homem sem sentimento. Coração e razão são duas entidades que não se tocam. Vida sentimental e vida científica tendem a ser, ao menos teoricamente, duas realidades autônomas. O cientista seria o homem sem coração – pelo menos em termos do positivismo clássico, que quer caracterizar a ciência como um todo.

O laboratório não fica mais em um cômodo da casa do pesquisador, como o sótão ou o porão. Segundo Bachelard, o profissional no final do expediente “sai do escritório e volta à mesa familiar onde o esperam outras preocupações, outras alegrias”.² A descrição do profissional feita por Bachelard se aproxima do lema *sine ira et studio*, de Weber, que, ao referir-se sobre o ideal do funcionário público, o define como um profissional que trabalha desconhecendo os interesses e cores partidárias. Ele é alguém que cumpre suas obrigações com profissionalismo e não com a paixão própria de um político.³

² BACHELARD, G. A formação do espírito científico. Contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 63.

³ WEBER, Max. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

2. O SENTIDO DE VOCAÇÃO

A profissão, conforme se conhece hoje, foi um termo cunhado pelos reformadores. Em princípio, o conceito de vocação foi usado exclusivamente para quem exercia o sacerdócio. Logo em seguida, no entanto, o sentido do termo foi estendido a todas as outras profissões 'seculares'. O homem era um vocacionado por Deus para exercer uma profissão no mundo.

No ambiente corporativo, algumas profissões – médico, professor – ainda recebem uma conotação romântica de que tais profissionais são vocacionados. No aspecto religioso, o vocacionado faz o trabalho de Deus, e os crentes, ao cultuarem, prestam um serviço. Dessa forma, o culto na língua inglesa conhece dois termos, podendo-se usar tanto *service* (serviço) quanto o *worship* (adoração) como significado de culto.

Neste texto, quero analisar as implicações do trabalho do pastor sob diversos aspectos. Em primeiro lugar, exponho uma defesa da não profissionalização do sacerdócio. Esse argumento, diria, acontece a partir de dentro, pois que é feito principalmente por sacerdotes envolvidos em algum tipo de liderança eclesiástica. Em um segundo momento, faço uma análise das implicações do trabalho sacerdotal vindo de fora, isto é, uma exposição feita por aqueles que não são sacerdotes.

Nesta primeira parte, trago os dados de duas pesquisas sobre a eficácia do discurso da igreja. A primeira delas foi feita por Barna e trata da inoperância da igreja quanto ao evangelismo dos aqui chamados de “sem-igreja” ou buscadores – no sentido de pessoas têm procurado alguma forma do divino para se comunicar e integrar. A segunda pesquisa, feita por Nash & McLennan sobre o afastamento dos homens de negócios, que estão deixando a igreja para viver uma espiritualidade no trabalho. Na terceira e última parte, cito alguns textos bíblicos, numa tentativa de lançar luzes para maiores discussões sobre o tema.

3. O DISCURSO DE DENTRO: O QUE OS CLÉRIGOS DIZEM

Segundo temos percebido, a resistência maior para o uso do termo profissional em relação à prática do sacerdócio vem de dentro, dos religiosos, daqueles que são profissionais, mas negam que o sejam.

É certo que o trabalho pastoral não se parece, algumas vezes, em nada àquilo que as pessoas fazem normalmente: “pegar no batente”, “bater metas”, registrar o “ponto” com horários de entrada e saída do escritório. O sacerdote parece ser um tipo de profissional autônomo, que faz o seu horário e determina sua própria rotina e funções. Ele é um empregado sem chefe, ou é o único empregado que é chefe de si mesmo, pois que não precisa prestar contas necessariamente ou dar relatório de sua atividade e produtividade. Não à toa, faz-se uma brincadeira perguntando aos pastores se eles trabalham ou se são apenas pastores.

No anedotário evangélico, conta-se que um dia alguém passou em frente à casa do pastor e ele estava sentado lendo um livro. Nisso, lhe perguntaram se ele estava descansando e ele respondeu que estava trabalhando. No outro dia, viram-no limpando o jardim da casa com um instrumento de jardinagem e lhe perguntaram se ele estava trabalhando e ele respondeu que estava descansando. Essa anedota aponta para a forma de se ver o trabalho pastoral.

A rejeição do uso ou atribuição do termo profissional a um pastor decorre do fato de que muitos pastores foram ensinados pelos seus professores nos Seminários ou Faculdades de Teologia que o trabalho pastoral é de outra ordem. Como os professores tendem a reproduzir

o discurso dos seus professores ou até mesmo citar os mesmos livros que seus professores lhes recomendaram que lessem, acabaram aprendendo e passando adiante a ideia de que a função pastoral se resumiria em “manter a máquina” – claro que não lhes foram ditas essas palavras – o que significa que sua função é dar continuidade àquilo que a igreja já fazia, suas reuniões de jovens, mulheres, Escola Bíblica, cultos e reuniões de negócios.

Como sacerdote – uso agora a terminologia weberiana –, sua função é manter a comunidade razoavelmente confortada e livre das ameaças externas – leia-se, concorrência externa e ocorrência interna de heresias. Se o pastor conseguir manter seu grupo impermeável e ortodoxamente asséptico em relação às ameaças exteriores e conseguir controlar o descontentamento no interior da sua comunidade, terá feito bem o seu trabalho. Quando, por algum motivo, o grupo cresce, no caso de alguém vir de fora ou no caso de haver um crescimento biológico, atribui-se tal fator às bênçãos divinas, ou, em menor grau, ao acaso. Como mantenedor da máquina, a explicação da natureza e ênfase do trabalho pastoral recai sobre a qualidade, não sobre a quantidade de pessoas na congregação local. A quantidade, em alguns casos, é vista com desconfiança e como ameaçadora do bom trabalho pastoral.

Se acontecer de o grupo diminuir, por quaisquer que sejam os motivos, explica-se o fenômeno de duas maneiras: a primeira, fazendo uma defesa do trabalho pastoral, apelando-se para o nível do conteúdo pregado, pela biblicidade e em virtude do discurso fiel do pregador. Se a primeira resposta é uma autodefesa do pregador, a segunda consiste em fazer-se uma acusação direta ao fiel. Dir-se-á, então, que este não suportou a exigência da cruz, não quis pagar o preço do discipulado e que não estava disposto a assumir um compromisso – argumento mais usado –, ou ainda que buscou-se um falso evangelho em outro lugar que estava em promoção e era mais barato. Tanto na primeira, quanto na segunda, as explicações tentam eximir o pastor do fracasso de sua congregação.

Não quero parecer um X9, um denunciante, ainda que pareça, mas diante do “discurso de dentro” sobre a sublimidade da função e da diferenciação do trabalho pastoral em relação aos outros profissionais, ocorre um tipo de autodefesa feita pelos próprios sacerdotes para continuarem autônomos e independentes ao tempo em que são livres para fazerem o que e como quiserem.

Não bater ponto, não prestar contas de suas atividades, não dar relatórios, manter a máquina funcionando, rejeitando o crescimento com o discurso da qualidade e justificando uma diminuição do rebanho, atribuindo culpa a quem saiu é, de certa forma, um ótimo negócio. No entanto, o discurso justificador feito pelos sacerdotes é um tipo de representação social da forma como se veem.

Como o trabalho sacerdotal, entende-se, não é feito só para si, é importante que se conheçam outros discursos. Passemos, então, a analisar o discurso que é feito a partir dos de fora e vejamos o que eles dizem sobre o trabalho dos sacerdotes.

4. O DISCURSO DE FORA

Nesta seção, dada a sua complexidade e extensão, é necessário dividir o tema em duas partes. Por uma questão didática, chamo a esta parte de “discurso de fora” por apresentar as posições daqueles que não são pastores ou sacerdotes. Em primeiro lugar, aparece o discurso daqueles que não são seguidores e não estão ligados a qualquer grupo religioso.

Nesta parte, me baseio no trabalho de Barna e chamei de *Discurso de fora A*. Em segundo lugar, o discurso daqueles que, tendo uma filiação religiosa, estão deixando cada vez mais o rebanho para viver uma orientação religiosa diferente, mais integrada e consistente em seu próprio local de trabalho. Neste ponto, sou devedor da pesquisa empreendida por Nash & McLennan e chamei de *Discurso de fora B*.

4.1 Discurso de fora A: o que os sem igreja estão dizendo

Estudos recentes mostram que muitas pessoas que não frequentam uma igreja estão dispostas a frequentá-la. O problema, no entanto, é que as igrejas não estão sendo eficazes em atrair esses milhões de sem-igreja que têm respondido favoravelmente à possibilidade de frequentar uma ou outra igreja.

Muito provavelmente o problema da não eficácia da igreja em relação a esses milhões reside naquilo que chamarei inicialmente de agenda. Essa “agenda” deve ser entendida da seguinte maneira: menos de 1% das pessoas, quando perguntadas sobre questões básicas da vida, menciona assuntos relacionados à espiritualidade. Para o homem contemporâneo, assuntos como relacionamento com Deus, necessidade de pertencer a uma comunidade religiosa ou mostrar-se interessado em espiritualidade não faz parte de suas buscas. Voltaremos a isso mais adiante.

Pessoas sem-igreja estão lutando com outros problemas como ansiedade, valor e imagem pessoal, necessidades financeiras, viagens e estudos. De alguma maneira, querem tirar algum proveito da vida e não apenas doar-se a um trabalho. Essa seria, então, a agenda dos sem-igreja. Em contrapartida, as necessidades dos sem igreja são normalmente reputadas entre os líderes religiosos como mundanismo e falta de fé. Mostrar-se ansioso ou cuidar da imagem pessoal é estar focado em coisas terrenas e passageiras, ou seja, não dignas da fé. Primeiro, porque Cristo nos livra de toda ansiedade; segundo, devemos focar naquilo que é eterno, imutável, perfeito.

Diante desse quadro, concluímos que os mundos do líder de igreja e da típica pessoa que não frequenta a igreja são conflitantes. Barna escreveu que quando se pediu às pessoas que fazem parte da agenda evangelística da igreja para indicar os pontos e as preocupações principais que a igreja deveria tratar, esperava-se que respondessem algo como relacionamento com Deus, crenças espirituais, moralidade, valores, salvação pela graça, conhecimento bíblico, pureza no culto, compromisso de servir, louvor a Deus e busca do perdão por meio de Cristo. Acontece, no entanto, que esses tópicos habitam e dominam as cabeças dos líderes da igreja, não dos sem-igreja.⁴

Nenhum desses temas elencados por aqueles que participam da igreja está nas mentes dos que não vão à igreja. Com isso, Barna aconselha que se veja esse campo pelas lentes dos sem-igreja. As igrejas tendem a diminuir a importância do dinheiro e do enfoque financeiro por receio de fomentar o materialismo, consumismo, ganância, competição e coisas semelhantes. Com isso, deixa de tratar de temas que estão habitando a mente daqueles que a igreja diz querer alcançar.

⁴ BARNA, George. *Evangelização eficaz: alcançando gerações em meio a mudanças*. São Paulo: United Press, 1998.

Esse hiato relacional e ideológico dos líderes em relação às pessoas sem igreja faz com que concluam que os líderes são incapazes de compreendê-las, e o que é pior, elas pensam que os sacerdotes não se importam verdadeiramente com elas. Ao contrário, afirmam que a liderança da igreja está focada em seus próprios produtos e valores da agenda dos eclesiásticos. Em consequência, criam um tipo de teflon espiritual, uma impermeabilidade em relação à igreja, à mensagem, ao evangelho e ao seu próprio destino eterno.

Alguns chegam até a investir parte do seu tempo, e por conta própria, em busca de uma igreja, de uma religião que supra seus anseios mais íntimos e profundos. No entanto, desistem da sua busca, pois que os religiosos lhes dão como resposta à sua busca apenas a moralização dos costumes, o rigorismo ético e o sectarismo exacerbado. Em busca da liberdade, a igreja oferece o sacrifício do intelecto. Enfim, a religião fica a meio caminho entre a busca por significância pessoal e o ascetismo religioso. As pessoas buscam uma coisa e a igreja oferece outra. E mais, não há qualquer sinalização de que a igreja esteja disposta a pensar em adaptar o seu produto às necessidades dos buscadores, clientes. O produto que a igreja oferece não é o mesmo que o buscador precisa.

Nesse ponto reside, talvez, um dos principais paradoxos da vida cristã em geral, e, especialmente, da prática pastoral e da liderança das igrejas. Pastores e líderes acham que os buscadores – que deveriam ser as pessoas que a igreja estaria buscando – devem naturalmente se interessar por aquilo que interessa aos líderes e que aqueles deveriam se importar com o que importa ao líder da igreja.

Homens treinados para dirigir o povo de Deus e incluir novas pessoas no rebanho de Deus, acham que temas como relacionamento com Deus, ser dirigido por valores, salvação pessoal da alma, saber manusear ou conhecer versículos ou estudar a Bíblia, louvar a Deus, ser perdoado e aceito por Deus, ou desenvolver sua espiritualidade, devam ser os pontos mais importantes para os homens que eles querem ganhar para Cristo. Porque os líderes se preocupam, acham que também as outras pessoas deveriam estar preocupadas. Por tratarem do destino eterno, estranham que vizinhos, colegas de escola ou de trabalho não se interessem pelas coisas mais importantes desta vida e que terão consequências eternas. Mas a verdade é que os sem igreja simplesmente não se interessam.

Diante do que vem sendo exposto, gostaria de propor aqui uma inversão na agenda eclesiástica e dos eclesiásticos. Assim como os líderes estranham que os sem-igreja não se interessam pelo que eles consideram importante, deveria causar ainda mais estranheza na cabeça dos religiosos que eles mesmos não se interessam por aquilo que interessa aos sem-igreja. Se os pontos considerados importantes na agenda da liderança da igreja não interessam aos sem-igreja, não resulta de que não sejam interessantes. O interessante é notar que, naquele momento, os assuntos interessantes do ponto de vista da liderança não sejam interessantes do ponto de vista dos sem-igreja. Considero que tão importante quanto o que se diz aos sem-igreja, é saber o que os sem-igreja dizem àqueles que lhe dizem alguma coisa.

O messias judeu sabia que a samaritana precisava de libertação e salvação. No entanto, ela não sabia ou não estava consciente disso naquele momento. A partir da sede de Jesus, ele conseguiu criar sede nela. Com o tempo, vê-se naquele diálogo como a própria mulher 'puxou' o assunto sobre espiritualidade. No contexto, ela mesma descobriria que seu estilo de vida talvez não fosse recomendável para tratar assuntos espirituais, mas Jesus deixou isso para depois. Seus múltiplos casamentos, se fossem tratados logo no início da conversa, poderiam

aparecer como os outros impedimentos que ela já suscitara anteriormente: a relação de gênero (ele homem, ela mulher), relação racial (ele judeu, ela samaritana), questão topográfica-religiosa (ele adora no Monte Sião, ela no Monte Gerizim), questão praxiológica (ele com sede, ela sem instrumento para tirar água). Ao final, aquela mulher, que não estava interessada por assuntos espirituais, revelou-se a maior evangelista naquela região em tão pouco tempo.

Passemos agora para uma segunda abordagem do tema. Se a igreja não consegue ser eficaz no seu esforço de trazer os sem-igreja, então ela deve ter um discurso interessante para aqueles que já fazem parte do rebanho. Se ela não está atraindo os de fora, então é de se esperar que ela esteja sendo eficaz em manter os de dentro. É o que analisaremos a seguir.

4.2 O discurso de fora B: o que os fiéis estão dizendo

Soa estranho considerar o discurso dos fiéis com o título semelhante aos dos buscadores, ou seja, os de fora. Este recurso é apenas didático. Aqui, os fiéis são considerados de fora por não serem clérigos, sacerdotes ou pastores. São, antes, profissionais, leigos que vivem no mundo dos negócios, no mercado, no mundo que, ainda que professem uma fé, vivem-na no mundo das profissões.

O mundo dos negócios e das profissões começou com a atribuição do conceito de vocação, no sentido de que todo homem é chamado por Deus a exercer uma profissão no mundo. Na mentalidade dos reformadores, o trabalho tinha uma conotação religiosa, pois que, com a profissão, o crente deveria trabalhar *in maiorem Dei gloriam* (para aumentar a glória de Deus). Com o tempo, porém, o apelo do trabalho como vocação religiosa tornou-se uma vocação profissional. Deus e o trabalho tornaram-se duas grandezas autônomas. Trabalho é trabalho e não tem nada de divino. A separação chegou a ser radical, não se permitindo falar de religião no espaço do trabalho. Levar ou tratar de assuntos de religião no espaço sagrado do trabalho era tabu.

Nas sociedades modernas, o trabalho passou a ser considerado sagrado, e o sagrado – a igreja, o culto – quase que profano. Faltar a um culto, deixar de frequentar ou desistir de pertencer a esta ou aquela igreja não representa uma falha grave. Faltar ao trabalho é um pecado que deve ser punido, em alguns casos, com a expulsão (demissão). O trabalho – atividade sagrada – passou a ter no domingo, dia sagrado para as atividades religiosas –, conotações de substituição ou superação das atividades cúlitas. É no domingo que se participa dos concursos para empregos públicos. É também no domingo o principal dia de se procurar e oferecer emprego no caderno de trabalho dos jornais. O interesse pelo trabalho passou a ser de interesse coletivo; a filiação religiosa, participação em um culto ou uma crença, é de interesse privado.

Essa relação antagônica perdurou durante os séculos XVIII e XIX e até parte do século XX. No final do século XX, no meio da última década, houve uma virada. A religião passou a ter importância e a ser importante no ambiente do trabalho. O que era proibido, passou a ser estimulado. O ambiente de trabalho revestiu-se de uma aura de espiritualidade. O mundo corporativo trouxe o trabalho religioso para dentro do ambiente profissional. A empresa trouxe a religião até então profana, para o espaço sagrado do trabalho. Claro, não mais aquela religiosidade tradicional, mas uma religiosidade feita pela ótica pós-moderna.

Quando se busca uma explicação para essa virada nas relações trabalho-religiosidade, constata-se nesse novo retrato empresarial que a igreja perdeu a capacidade de orientar as

pessoas nessa busca, nessa peregrinação da nova espiritualidade. A religião, parece, falhou em saciar o desejo de maneiras personalizadas e experiências de conhecer Deus no trabalho. Pessoas nos negócios estão buscando uma forma de integrar fé e o mundo empresarial, querem viver seus valores cristãos no trabalho. Mas, quando se voltam para a igreja em busca de orientação, encontram um clero que ou é indiferente ou interessado, mas sem a menor ideia de como começar e do que fazer.

Pessoas de negócio estão buscando uma vida espiritual mais profunda e um maior grau de integração de fé e trabalho. De alguma forma, estão tentando “recuperar suas almas”, querem um padrão mais elevado de conduta, mais próxima da ética religiosa. No entanto, quando procuram por alguma conexão entre o sermão dominical e a segunda-feira, parece que vivem dois mundos que nunca se tocam. Quando estão no trabalho, sentem falta de um mundo com algum ponto de vista religioso, e, quando se encontram na igreja, o que ouvem soa como incapaz de dar respostas para o mundo real.

O mundo estressante do trabalho suscita problemas que a criação religiosa das pessoas jamais abordou. Como resultado da falta de resposta e conexão, os fiéis acabam por descartar a igreja, para que não interfira em seus negócios. Com todos esses problemas, raramente buscam a igreja para ajudá-las em seus conflitos.

Nash & McLennan relatam no seu livro *Igreja aos domingos, trabalho às segundas*, o desabafo de alguém que via muitas tensões entre suas crenças cristãs e aquilo que fazia no trabalho. Segundo o relato, ele se sentia profundamente responsável por continuar sendo um bom cristão em sua vida diária. No entanto, se sentia como que abandonado, pois não tinha alguém a quem recorrer para ajudá-lo em suas necessidades, pois seu pastor seria a “última pessoa com quem discutiria isso”.⁵

Na relação da igreja com os seus fiéis no que toca ao mundo dos negócios, a liderança eclesial passa a sensação de que o desenvolvimento espiritual tenha saído do domínio da igreja e as pessoas o tomassem em suas próprias mãos. Em consequência, os fiéis tomam a atitude de se poupar e 'poupar' seus pastores. Ao se pouparem, não querem tratar com seus pastores de um tema que eles se mostram incapazes e sem habilidade de tratar. Ao poupar seus pastores, não querem perder o bom relacionamento com eles. Nesse contexto, as pessoas optam por uma espiritualidade secular. Não é o caso de que os crentes tenham deixado de amar a seus pastores. É o contrário. Eles amam seus pastores e por isso não querem deixá-los sem graça, por procurá-los e pedir-lhes orientações em coisas que eles não têm a mínima ideia do que seja a necessidade dos fiéis.

A espiritualidade no trabalho é um movimento feito não por sacerdotes, mas por pessoas que estão enveredando por caminhos diferentes da religiosidade que receberam, buscando autoridade fora da sua tradição religiosa. Elas buscam uma ressignificação para suas vidas. Essa busca espiritual tem a ver com o dia a dia de cada uma delas. O problema quanto ao clero e as pessoas de negócios não está no fato de que os líderes não estão percebendo isso. Eles percebem, líderes religiosos e congregantes, as mesmas coisas, mas não conseguem dialogar, e por isso mantêm um relacionamento distante uns dos outros. Pessoas que se definem como congregantes, amigas de seus pastores, não têm a mesma relação com eles quando o assunto é negócio.

⁵ NASH, Laura; MCLENNAN, Scotty. *Igreja aos domingos, trabalho às segundas*: o desafio da fusão de valores cristãos com a vida dos negócios. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

À semelhança do que foi descrito da relação entre pastores e os buscadores, pessoas sem igreja, acontece o mesmo com os congregantes. Estes também se sentem ignorados, desprezados ou pensam que aquilo que fazem ou necessitam está além da compreensão dos clérigos. Do lado do clero, por sua vez, eles se veem alijados, ignorados e impotentes quanto ao impacto que poderiam ter nas vidas das pessoas de negócio. Segundo Nash & McLennan – e mais uma vez – os pastores explicam esse déficit relacional entre eles e os seus fiéis afirmando que as pessoas são gananciosas ou indiferentes com as questões espirituais e que a força do mercado está se sobrepujando à influência da igreja sobre as ovelhas.

Um dos problemas vistos entre igreja e negócio é que, nas vezes em que a igreja foi efetiva em conquistar pessoas, mostrou-se ruim em pastoreá-las. Por outro lado, ela não tem desenvolvido qualquer coisa interessante que ajude as pessoas do mundo dos negócios. A igreja ainda não se vê como afastada do diálogo com o deus mercado e da comunidade leiga cristã. A prática, contudo, tem negado a negação da igreja.

Terminamos este tópico com certa sensação de caos. Já estava mais ou menos claro que a igreja não conseguia ser efetiva em atrair e ganhar os de fora. Diante disso, esperar-se-ia que ao menos ela estivesse sendo eficaz em manter os de dentro. A nova espiritualidade, contudo, tem revelado a falência do fio de esperança ao qual estávamos amarrados. Se ela não atrai os de fora e não é mais atrativa para os de dentro, o que fazer? Decretar a falência da igreja? Naturalmente que a resposta deverá ser diferente e esse é o trabalho do pesquisador: buscar uma explicação para tais fenômenos. É necessário, então, buscar uma resposta que explique essa situação.

5. E O QUE A BÍBLIA DIZ?

Nesse mundo de altíssima especialização, o líder espiritual, como qualquer outro profissional, tem duas opções: viver para a sua profissão ou viver da sua profissão. Ou seja, fazer do seu trabalho o meio de sustento – viver da profissão, ou fazer do seu trabalho um objetivo de vida – viver para o seu trabalho. Quem vive para a sua profissão, vive da sua profissão, mas não necessariamente o contrário. Em virtude da especialização crescente, espera-se que o profissional exerça o seu ofício como uma 'vocação profissional', ou seja, com uma dedicação total de si.

Com isso, quero significar que já chegou o tempo em que o pastor precisa repensar seu ministério e agenda. Já foi o tempo em que se tinha no sacerdote a referência de tudo o que fosse conhecimento jurídico, religioso, médico e literário. Foi assim na sociedade egípcia e judaica. O saber médico pertencia ao sacerdote; era ele quem examinava um doente, quem dava a palavra final sobre a doença e a sua eventual cura. A ele cabia fazer os casamentos, os divórcios e quem decidia se a mulher havia mesmo traído seu marido, conforme este alegava. Os saberes literários também estavam com o sacerdote. Os hieróglifos não têm esse nome à toa, senão que eram sinais gráficos sagrados, ligados, portanto, aos sacerdotes (gr.: ἱερεὺς, sacerdote).

Mais contemporaneamente, essa situação mudou. Um exemplo só basta para mostrar isso: a saúde e os hospitais. Somente a partir dos séculos XVII-XIX o Ocidente conheceu o hospital e a medicina moderna. Até o século XVII, a prisão, o hospício, a escola e o hospital se confundiam. Quem tinha dinheiro era tratado em casa pelos médicos, pois não se conhecia a figura do médico ligado ao hospital. Para lá iam os doentes terminais e os que não podiam

pagar por sua saúde. Ali, recebiam um tratamento religioso, mais que medicinal. Os cuidados dos religiosos se limitavam às confissões e à extrema-unção.

O surgimento de uma medicina controlada pelo Estado começou na Alemanha, no século XVII, e não teve nos religiosos o motivo do seu progresso. Na França, pelo mesmo tempo, nascia a chamada medicina social, o cuidado com os cemitérios públicos, a limpeza das ruas, o cuidado com a ventilação das casas e vias públicas e tudo mais. Tudo isso foi fruto de observações de médicos e não mais de religiosos. A medicina voltada para o indivíduo é fruto do trabalho dos ingleses. Eles começaram praticando uma medicina militar, pois era necessário cuidar da vida do soldado no qual se investira dinheiro no seu treinamento. Mais uma vez, não foi trabalho de religiosos, mas de estudiosos que, mesmo que por interesses políticos, buscaram soluções de tratar das pessoas e seus males.

A separação dos doentes por alas e salas dos hospitais modernos foi fruto de pesquisas, observações e anotações que os médicos e pesquisadores faziam. Foram eles quem decidiram a nova arquitetura dos prédios dos hospitais e não mais os religiosos. Pouco a pouco a medicina deixou de ser um trabalho de compaixão religiosa – casas de misericórdia – e passou a ser um trabalho de especialistas. Com o tempo, a medicina não foi mais um tipo de rendição ao destino para ser uma interferência no destino. Na medicina incipiente, religiosos cuidavam para que o moribundo morresse em paz, perdoado; na medicina moderna, os médicos intervêm no prolongamento da vida do indivíduo.

Com isso, reforço a ideia que o leitor já sabe: a cada dia a Teologia passa a ser um conhecimento restrito para o exercício de uma função específica. O pastor já não sabe de tudo, ele não necessariamente é o homem mais erudito da congregação. Não é difícil encontrar-se pessoas com um conhecimento muito mais vasto em diversas áreas que o seu pastor nas igrejas atualmente.

Não muito tempo atrás, era possível ver pastores cuja palavra valia mais que o mestre de obras na construção do prédio da sua igreja. Como nas sociedades antigas, o pastor era uma figura imprescindível pelos seus saberes – sabia ler e escrever – e por suas posses e habilidades – era o único que tinha carro e sabia dirigir. Ele era “pau para toda obra”.

Voltemos ao nosso tema. É certo que, mesmo que se rejeite a ideia da não profissionalização do trabalho pastoral, não se pode negar que há diversas parecências e tangenciamentos do que faz um pastor com os outros profissionais. Começemos pelo treinamento teológico que o futuro pastor ou líder eclesástico recebe. Em nada difere o seu treinamento do treinamento recebido de um psicólogo, por exemplo.

O treinamento teológico incluiu disciplinas teóricas e disciplinas práticas e um estágio. Diversas disciplinas exigiram um nível de concentração e treinamento intenso para que o aluno fosse aperfeiçoado. Algumas denominações acham tão importante o treinamento teológico para a prática pastoral que têm incentivado a formação teológica criando suas próprias escolas ou mesmo proibindo que se exerça o pastoreio sem o devido treinamento em uma das muitas escolas de Teologia nas instituições oficiais do seu grupo.

Num mundo das especializações, um bom profissional é cada vez mais exigido no desempenho de suas funções. Treinamento constante, pós-graduações, um segundo curso, seminários e congressos fazem parte do treinamento contínuo que se espera de um bom profissional.

Deixando a área de treinamento teológico, é necessário examinar o que a Bíblia diz para ver se há algum princípio que ajude o exercício do ministério em épocas de grandes especializações. Talvez o apóstolo Paulo seja o primeiro e grande exemplo a ser trazido aqui – o espaço nos proíbe tratar de outros personagens. Ele dá o exemplo de alguém que se esforçava até o limite de suas forças: “eu me esforço, lutando conforme a sua força, que atua poderosamente em mim” (Cl 1.29). Ele também via o mesmo esforço em seus companheiros, como Epafroditos, que “combate sempre por vós [...]” (Cl 4.12). Ele se esforçava ao máximo para pregar melhor “trabalhamos e lutamos, pois esperamos no Deus vivo [...]” (1Tm 4.10). E talvez a maior prova seja o relato sobre a luta que empreendia contra si mesmo:

Todos os que competem nos jogos se submetem a um treinamento rigoroso, para obter uma coroa que logo perece; mas nós o fazemos para ganhar uma coroa que dura para sempre. Sendo assim, não corro como quem corre sem alvo, e não luto como quem esmurra o ar. Mas esmurro o meu corpo e faço dele meu escravo, para que, depois de ter pregado aos outros, eu mesmo não venha a ser reprovado (1Co 9.24-7).

Em virtude do seu exemplo, recomendava que seus auxiliares fizessem o mesmo. A Timóteo, escreveu:

Você tem seguido de perto o meu ensino, a minha conduta, o meu propósito, a minha fé, a minha paciência, o meu amor, a minha perseverança, as perseguições e os sofrimentos que enfrentei, coisas que me aconteceram em Antioquia, Icônio e Listra. Quanta perseguição suportei (2Tm 3.10-1).

Por isso mesmo, recomendou:

Ninguém o despreze pelo fato de você ser jovem, mas seja um exemplo para os fiéis na palavra, no procedimento, no amor, na fé e na pureza. Não negligencie o dom que lhe foi dado por mensagem profética com imposição de mãos dos presbíteros. Seja diligente nessas coisas; dedique-se inteiramente a elas, para que todos vejam o seu progresso. Atente bem para a sua própria vida e para a doutrina, perseverando nesses deveres, pois, agindo assim, você salvará tanto a si mesmo quanto aos que o ouvem (1Tm 4.12-6).

Paulo sabia ouvir o que os “de fora” tinham a dizer, por isso ele procurava saber onde as pessoas se reuniam ou praticavam seus atos religiosos. Em Filipos, levou um tempo estudando os hábitos dos seus moradores e o que eles esperavam e faziam:

Chegamos a Filipos, na Macedônia, colônia romana e a principal cidade do distrito. Ali ficamos vários dias. No sábado saímos da cidade e fomos para a beira do rio, onde esperávamos encontrar um lugar de oração. Sentamo-nos e começamos a conversar com as mulheres que haviam se reunido ali (At 16.12-3).

Em qualquer lugar que chegasse, a sua agenda era feita a partir do contato com as pessoas e daí surgia o conteúdo da sua pregação. O relato em Atos da sua estada em Atenas é paradigmático:

[...] em Atenas, Paulo ficou profundamente indignado ao ver que a cidade estava cheia de ídolos. Por isso, discutia na sinagoga com os judeus e com gregos tementes a Deus, bem como na praça principal, todos os dias, com aqueles que por ali se encontravam. Alguns filósofos epicureus e estoicos começaram a discutir com ele. Alguns perguntavam: 'O que está tentando dizer esse tagarela?'. Outros diziam: 'Parece que ele está anunciando deuses estrangeiros', pois pregava as boas novas a respeito de Jesus e da

ressurreição. Então o levaram a uma reunião do Areópago, onde lhe perguntaram: 'Podemos saber que novo ensino é esse que você está anunciando? Você está nos apresentando algumas ideias estranhas, e queremos saber o que elas significam'. Todos os atenienses e estrangeiros que ali viviam não se preocupavam com outra coisa senão falar ou ouvir as últimas novidades (At 17.16-8).

Aproveito a citação do texto em Atenas para lançar mais luzes sobre a pregação do apóstolo. O texto diz que Paulo discutia “na sinagoga com os judeus e com gregos”, “bem como na praça principal [...] com aqueles que por ali se encontravam”, e com alguns “filósofos epicureus e estoicos”. Ele não pregava apenas no púlpito – lhe faltava uma igreja como temos hoje – mas nas sinagogas, nas escolas, na praça e no 'Templo da Boa Vontade' daquele tempo.

Em Atenas, Paulo falava de Cristo em quatro lugares distintos. Primeiro, na sinagoga com os religiosos; em segundo, na praça com os cidadãos e intelectuais; terceiro, nas escolas filosóficas com filósofos de diversas correntes. E, finalmente, em quarto lugar, no Areópago, um lugar místico e politeísta. Quando o convidaram a ir em um outro ambiente, foi de bom grado: “Então o levaram a uma reunião do Areópago, onde lhe perguntaram [...]”.

Além da variedade de lugares, ressalte-se também a metodologia da pregação, Paulo “discutia”. Não era um monólogo, mas um diálogo. Essa discussão era feita com todas as pessoas e em todos os lugares. O verbo empregado aqui, foi usado em Atos 17.2-3, onde ele “discutiu com eles com base nas Escrituras explicando e provando [...]”.

Observemos também o conteúdo da pregação. Inicialmente, pode-se afirmar que sua pregação era bíblica. Era e não era. Paulo tinha um arsenal variado de fontes como fundamento da sua pregação. Para judeus e tementes a Deus, na sinagoga, ele pregava a partir da Bíblia. Para gregos não leitores da Bíblia, que não temiam a Deus, nem frequentavam a sinagoga, discutia sobre a natureza, literatura, poesia e filosofia. No Areópago, partia dos deuses celebrados em cada altar daquele lugar. Enfim, ele partia daquilo que interessava seus ouvintes, isto é, a partir da agenda dos ouvintes. Estando Paulo no meio do Areópago, disse:

Atenienses! Vejo que em todos os aspectos vocês são muito religiosos, pois, andando pela cidade, observei cuidadosamente seus objetos de culto e encontrei até um altar com esta inscrição: AO DEUS DESCONHECIDO. Ora, o que vocês adoram, apesar de não conhecerem, eu lhes anuncio. O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há é o Senhor dos céus e da terra, e não habita em santuários feitos por mãos humanas. Ele não é servido por mãos de homens, como se necessitasse de algo, porque ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas. De um só fez ele todos os povos, para que povoassem a terra, tendo determinado os tempos anteriormente estabelecidos e os lugares exatos em que deveriam habitar. Deus fez isso para que os homens o buscassem e talvez, tateando, pudessem encontrá-lo, embora não esteja longe de cada um de nós. 'Pois nele vivemos, nos movemos e existimos', como disseram alguns dos poetas de vocês: “Também somos descendência dele” (At 17.22-8).

Vejamos algo sobre o sustento do pastor. O apóstolo foi defensor incondicional do sustento do obreiro. Ele citou o Antigo Testamento para justificar tal necessidade: “Os presbíteros que lideram bem a igreja são dignos de dupla honra, especialmente aqueles cujo trabalho é a pregação e o ensino, pois a Escritura diz: “Não amordace o boi enquanto está debulhando o cereal” e “o trabalhador merece o seu salário” (1Tm 5.19). E mais esta:

Esta é minha defesa diante daqueles que me julgam. Não temos nós o direito de comer e beber? Não temos nós o direito de levar conosco uma esposa crente como fazem os outros apóstolos, os irmãos do Senhor e Pedro? Ou será que só eu e Barnabé não temos direito de receber sustento sem trabalhar? Quem serve como soldado à própria custa? Quem planta uma vinha e não come do seu fruto? Quem apascenta um rebanho e não bebe do seu leite? Não digo isso do ponto de vista meramente humano; a Lei não diz a mesma coisa? Pois está escrito na Lei de Moisés: “Não amordace o boi enquanto ele estiver debulhando o cereal”. Por acaso é com bois que Deus está preocupado? Não é certamente por nossa causa que ele o diz? Sim, isso foi escrito em nosso favor. Porque “o lavrador quando ara e o debulhador quando debulha, devem fazê-lo na esperança de participar da colheita”. Se entre vocês semeamos coisas espirituais, seria demais colhermos de vocês coisas materiais? Se outros têm direito de ser sustentados por vocês, não o temos nós ainda mais?’ (1Co 9.3-12).

6. CONTRA O PROFISSIONALISMO?

Já vimos alguns argumentos acerca da fundamentação de se fazer um trabalho sério, com muito esforço, chegando quase a um tipo de autoflagelação. Coloquemos de novo esses versos aqui para que tenhamos uma ideia do que vamos tratar agora.

Paulo era esforçado em seu trabalho: “eu me esforço, lutando conforme a sua força, que atua poderosamente em mim” (Cl 1.29). Seu trabalho foi descrito como se esforçando ao máximo para pregar melhor: “trabalhamos e lutamos muito” (1Tm 4.10). A descrição seguinte é de uma crueza e clareza impressionantes: “[...] não corro como quem corre sem alvo, e não luto como quem esmurra o ar. Mas esmurro o meu corpo e faço dele meu escravo, para que, depois de ter pregado aos outros, eu mesmo não venha a ser reprovado” (1Co 9.24-7).

Ele honrava e pedia que honrassem seus companheiros que tinham a mesma disposição que ele, como Epafroditos, pois ele “combate sempre por vós [...]” (Cl 4.12). por isso a recomendação grave que fez a Timóteo:

Ninguém o despreze pelo fato de você ser jovem, mas seja um exemplo para os fiéis na palavra, no procedimento, no amor, na fé e na pureza. Não negligencie o dom que lhe foi dado por mensagem profética com imposição de mãos dos presbíteros. Seja diligente nessas coisas; dedique-se inteiramente a elas, para que todos vejam o seu progresso. Atente bem para a sua própria vida e para a doutrina, perseverando nesses deveres, pois, agindo assim, você salvará tanto a si mesmo quanto aos que o ouvem (1Tm 4.12-6).

À semelhança de um profissional, Paulo advogava o direito de receber um salário das comunidades que havia fundado. Ele se baseava na lei para tal fundamento. Ele faz quatro perguntas retóricas tirando conclusões da vida normal de todas as pessoas. Depois, usa a fundamentação bíblica para expor seu pensamento.

Não temos nós o direito de comer e beber? [...] Quem serve como soldado à própria custa? Quem planta uma vinha e não come do seu fruto? Quem apascenta um rebanho e não bebe do seu leite? Não digo isso do ponto de vista meramente humano; a Lei não diz a mesma coisa? Pois está escrito na Lei de Moisés: “Não amordace o boi enquanto ele estiver debulhando o cereal”. Por acaso é com bois que Deus está preocupado? Não é certamente por nossa causa que ele o diz? Sim, isso foi escrito em nosso favor. Porque “o lavrador quando ara e o debulhador quando debulha, devem fazê-lo na esperança de participar da colheita”. Se entre vocês semeamos coisas

espirituais, seria demais colhermos de vocês coisas materiais? Se outros têm direito de ser sustentados por vocês, não o temos nós ainda mais?' (1Co 9.3-12).

Como já tivemos oportunidade de deixar claro, não se vive mais no tempo em que a vida civil e religiosa eram da competência do sacerdote exclusivamente. Nos dias em que escrevo este texto, o sacerdote, enquanto profissional, depende de outros profissionais para exercer bem o seu trabalho.

Este é o tempo da ditadura do especialista. Quaisquer dúvidas sobre finanças pessoais, tempo e temperatura, política, história, saúde... busca-se a opinião de um especialista na área. Dependendo do tema ou gravidade, recorre-se a mais de um especialista. É isso o que se faz quando um resultado médico-laboratorial não é favorável ao paciente; busca-se outra opinião de outro especialista.

Nesse tempo de especializações, há maus e bons profissionais em todas as áreas. Quando se necessita, busca-se aquele profissional que se destaca naquela área. Por outro lado, o nosso mundo é implacável com os amadores. Os charlatães são punidos e considerados criminosos. Quando se tem que decidir entre um médico especialista e um residente, o especialista; entre um piloto com milhares de horas de voos e um comandante recentemente promovido em sua primeira viagem, o piloto mais antigo e mais experiente será preferível.

O mesmo vale para as artes e divertimentos. Quando queremos assistir a um espetáculo teatral, circo ou esporte, não procuramos amadores e iniciantes. Assim como decidimos pelo melhor médico ou pelo piloto especializado e experiente, preferimos descontrair com aqueles que são os melhores na sua área.

Se queremos fazer um curso, não vamos procurar quem está se aventurando no mercado, mas ao professor que já sedimentou seu nome no mercado. Não nos entregamos para sermos tratados, conduzidos, entretidos ou ensinados por qualquer um. Escolhemos os melhores. Isso vale para restaurantes, hospitais, hotéis ou produtos de beleza.

Nos esportes, chegamos até a defender os altos salários de jogadores ou outros esportistas. Se fazem bem o seu trabalho, justificamos seus ganhos muito acima da média do trabalhador normal. No entanto, tal atleta será cobrado sempre. Geralmente não se admitirá que faça corpo mole ou que não corresponda àquilo que esperamos ou que não honre os altos salários. Se isso acontecer, será tratado sem piedade. Será chamado de mercenário, para dizer o mínimo.

É nesse sentido que trato da função pastoral como uma profissão num mundo de bons profissionais. O pastor profissional é aquele que busca melhorar continuamente, que está procurando progredir, como escreveu Paulo a Timóteo. Era isso o que ele procurava fazer desde os dias da sua conversão “[...] as mensagens de Paulo se tornavam cada vez mais poderosas. E as provas que ele apresentava de que Jesus era o Messias eram tão fortes, que os judeus [...] não sabiam o que dizer” (At 9.22). Para seu amigo Timóteo, aconselhou: “Seja diligente nessas coisas; dedique-se inteiramente a elas, para que todos vejam o seu progresso” (1Tm 4.15).

Usando-se o termo profissional no sentido positivo, personagens como Esdras, Moisés e Davi no Antigo Testamento se juntam aos exemplos dados por Paulo, Jesus, Epafrodito, Timóteo e Epafras. De Esdras, sabemos que era um escriba “rápido”, ou sábio nas Escrituras (Ed 7.10). Ele havia feito um pacto consigo mesmo em ser um homem dedicado a estudar, aplicar as Escrituras à sua vida e ensinar suas verdades ao povo. De Estêvão vem o testemunho

sobre Moisés que ele era “versado nas ciências do Egito” (At 7.22). Isaías testemunha de si mesmo que o Senhor lhe dera uma “língua erudita”, sábia, para sustentar o exausto. No entanto, o profeta não para aí, acrescenta: “Ele me acorda manhã após manhã, desperta meu ouvido para escutar como alguém que está sendo ensinado” (Is 50.4).

Se se pensar em profissionalismo em termos de excelência, ninguém se contentará mais com amadores e aventureiros em qualquer profissão. Isso vale também para o pastorado. Já Salomão escrevera sobre a diferença entre alguém que faz algo amadorística ou profissionalmente. Aqueles que exercerem bem sua profissão serão colocados diante dos reis e não entre o povo (Pv 22.29).

Paulo escreveu que aqueles que exercerem bem a sua função de pastor devem ser merecedores de uma boa remuneração (1Tm 5.17). Jesus falou de bons escribas, versados em assuntos do reino dos céus (Mt 13.52), que sabem tirar das Escrituras bons ensinamentos, como o pai de família tira coisas boas do depósito da casa. Chega a ser incoerente que se exija que músicos sejam excelentes ao tocar para o Senhor (Sl 33.3), e que os pastores tenham um nível de excelência menor.

Sabe-se que existem bons e maus profissionais. Da mesma forma, todos exigem serem tratados, atendidos, ajudados, ensinados ou acompanhados pelos melhores em cada ramo do saber ou das profissões ao mesmo tempo que rechaçam os maus profissionais. É temerário e não recomendável e até injusto que se use a palavra profissional para o pastor sempre com a conotação negativa. Para esses casos, termos como “mercenários”, “proveitadores”, “mercadores” e tantos outros são mais apropriados. Aliás, termos que Jesus e Paulo já usavam para esses aventureiros da fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tudo isso, vê-se que, se o pastor não é um profissional, fica muito perto de sê-lo. Não adianta muito o apelo de certa forma emocional e emocionado, defendendo a sublimidade do ministério. Tais apelos soam como tabuização e romantização do trabalho pastoral. Esse tipo de redoma não se justifica mais. O pastor não é mais detentor do saber universal e infalível. Também não é um não profissional exercendo uma profissão. Apelar-se para vocação em distinção à profissão é desconhecer o uso intercambiável dos termos pelos reformadores.

Na verdade, antes de somente justificar suas práticas, seria bom que o pastor também ouvisse o que dizem os de fora, assim como os de dentro que já começam a se afastar. Depois disso, deveria examinar o princípio bíblico daquilo que fez e ensinou o apóstolo Paulo.

Finalmente, uma passagem a mais que aparece em 1Co 4.1-2: “que nos considerem como servos de Cristo e encarregados dos mistérios de Deus. O que se requer destes encarregados é que sejam fiéis”. A palavra “encarregado” (ministros e despenseiros) refere-se ao empregado responsável pela casa. Ele deveria cuidar de todas as coisas da casa. José, no Egito, e Neemias, na Pérsia, fizeram isso, ao que tudo indica. O mordomo – despenseiro – sabe o que tem na despensa e sabe também calibrar, como um bom nutricionista, o alimento que cada um dos moradores da casa precisa. Nada mais se espera do pastor hoje. As pessoas de fora e de dentro da igreja exigem isso. Deus já exigia isso há milhares de anos.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**. Contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARNA, George. **Evangelização eficaz: alcançando gerações em meio a mudanças**. São Paulo: United Press, 1998.

BETH JONES, Laurie. **Jesus Coach**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

BURKE, John. **Proibida a entrada de pessoas perfeitas: um chamado à tolerância na igreja**. São Paulo: Vida, 2006.

COELHO, M. Francisca Pinheiro, BANDEIRA, Lourdes; et. al. (Orgs). **Política, ciência e cultura em Max Weber**. Brasília: EdUnB/São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

NASH, Laura; MCLENNAN, Scotty. **Igreja aos domingos, trabalho às segundas: o desafio da fusão de valores cristãos com a vida dos negócios**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

SNYDER, Howard. **Vinho novo, odres novos: vida nova para a igreja**. São Paulo: ABU, 1997.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Ciência e Política, duas vocações**. São Paulo: Martin Claret, 2006.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional